

PROPOSTA

Gênero e ocupação profissional no Brasil.

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo da sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "**Gênero e ocupação profissional no Brasil**", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I: O Estado abandonou as mulheres à sua própria sorte, por Carol Scorece — publicado 01/05/2018

Para pesquisadora da Unicamp, redução de investimento social precariza ainda mais a condição das mulheres no mercado de trabalho. Sem apoio, perdem espaço

Laura Pannack/Oxfam/Creative Commons



Mulheres negras são as mais vulneráveis ao corte de investimento em equipamentos públicos

Não é novidade para as mulheres que o mercado de trabalho reproduz a desigualdade social entre elas e os homens. Elas recebem, em média, 30% menos do que eles e estão, de modo geral, muito mais sujeitas aos postos de trabalho mais precarizados. Mulheres pobres e negras se posicionam ainda mais abaixo nessa escala de exploração.

Segundo a economista Marilane Oliveira Teixeira, pesquisadora do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp, a crise econômica pela qual o país vive, associada a um modelo de governar cuja principal iniciativa foi o corte de investimento social, relega as mulheres a condições degradantes e aprofunda a precariedade das condições de trabalho. "Entramos num ciclo nos últimos três anos muito perigoso para as mulheres. O Estado abandonou as mulheres à sua própria sorte."

Sem equipamentos públicos, como creches e hospitais, além da falta de planejamento urbano, afirma Marilane, as mulheres se submetem a trabalhos de baixa remuneração e sem proteção social para conseguirem conciliar os cuidados familiares - ainda sob responsabilidade delas em grande maioria -, com as contas a pagar no fim do mês.

"As mulheres ainda estão privadas de boa parte do espaço público quando os cuidados - da casa, dos filhos, dos pais e até dos maridos -, são de sua responsabilidade. Sem proteção social, sem ajuda do Estado, elas têm de se submeter a todo tipo de condição para dar conta de tudo. Muitas delas não tem vida própria alguma", afirma.

Confira abaixo trechos da entrevista com Marilane Teixeira.

CartaCapital: *A crise econômica atinge mais as mulheres do que os homens?*

Marilena Teixeira: A crise aprofunda uma realidade que nós mulheres já convivemos há muito tempo. As desigualdades são estruturantes na sociedade de classes. No capitalismo, por exemplo, o tema da divisão sexual do trabalho e da desigualdade entre os sexos estrutura a sociedade na medida em que define os papéis de cada um, os âmbitos onde homens e mulheres devem atuar. Historicamente, as mulheres sempre foram preteridas do espaço público e do mundo produtivo, mas com o capitalismo e com a divisão social do trabalho isso se exacerbou.

CC: *De que maneira isso ocorre?*

MT: As mulheres foram confinadas ao trabalho doméstico e de cuidados. A inserção delas no mundo produtivo foi permeada por contradições, como se ela estivesse fora do lugar. Com isso vem os baixos salários, a remuneração em média inferior em 30% ao do sexo masculino. E o tipo de profissão e de ocupação aos quais as mulheres vão ter mais acesso e mais oferta estão vinculados ao papel sexual delas, o papel da divisão sexual do trabalho, que é o tema dos cuidados e dos afazeres e, por consequência, a informalidade.

CC: *E como a crise pode aprofundar essa realidade?*

MT: Com a crise os níveis de desemprego são altíssimos e a taxa de desemprego entre as mulheres sempre foi superior a dos homens. E os poucos empregos, com maior qualidade e maior proteção social, acabam sendo destinados aos homens, pois uma parte da sociedade ainda considera o homem como o responsável pela renda da família. Se gera empregos, os empregos tem que ser destinados preferencialmente aos homens e aí as mulheres vão se somando ao emprego precário, informal e por conta própria.

CC: *Qual o impacto da redução de investimento social no trabalho das mulheres?*

MT: Com essas políticas de austeridade, de redução do orçamento com base na emenda constitucional 95, e o impacto disso nas políticas públicas, esmaga-se uma parte das mulheres que continuam sendo as responsáveis pelo cuidado e pelos afazeres domésticos. A crise aumenta as responsabilidades com cuidados para o espaço privado porque o Estado sai de ofertante dessas políticas, como é o caso das creches.

O orçamento para creche em 2017 correspondia a 17% do que estava destinado à em 2014. Isso vai ter um impacto muito grande na vida dessas mulheres, principalmente das mulheres pobres, que não têm onde deixar seus filhos e são forçadas a aceitar os empregos mais precários e mais próximos das suas casas ou o trabalho por conta própria, outro fenômeno que cresceu muito, para poder conciliar essas contradições.

TEXTO II: Mulher coloca brincos em formato da estrutura de um átomo para participar da marcha para ciência em Washington, nos EUA



TEXTO III: Igualdade de gênero é pior em física, matemática e cirurgia, diz estudo.

Pesquisadores analisaram 36 milhões de autores de estudos e mais de nove milhões de artigos

No ritmo atual, serão necessários 258 anos para que se chegue a algo próximo da igualdade de gênero no campo da física, pelo menos no que diz respeito às posições de chefia. A disciplina, assim como a ciência da computação, a matemática e a química são as que têm menos mulheres, afirma estudo.

Em pesquisa publicada nesta quinta (19) na revista Plos Biology, cientistas da Universidade de Melbourne, na Austrália, usaram bases de dados da PubMed e da arXiv, duas grandes bibliotecas de artigos acadêmicos de revistas científicas para analisar a igualdade de gênero nas chamadas Stemm (sigla em inglês para ciência, tecnologia, tecnologia, engenharia, matemática e medicina).

A equipe de pesquisa desenvolveu um programa de computador que conseguia diferenciar, com taxa de acerto de 99,7%, nomes femininos e masculinos e o alimentou com mais de 36 milhões de nomes de autores referentes a mais de nove milhões de artigos publicados. De forma geral, entraram no estudo artigos publicados desde 1991.

Em 87 das 115 disciplinas analisadas a partir de estudos publicados, a porcentagem de autoras é significativamente menor que 45%. Em cinco disciplinas, essa porcentagem era maior que 55% e nas 23 restantes a taxa estava dentro de 5% de diferença entre homens e mulheres. Se áreas como física, química e matemática são as que têm mais homens, áreas relacionadas à saúde, como enfermagem, obstetrícia e cuidados paliativos, são as que mais têm mulheres.

A partir dos dados coletados, os pesquisadores conseguiram analisar a questão de gênero entre as revistas mais prestigiadas, como Nature e BMJ, e as de acesso aberto. Em geral, há menos autoras em periódicos de maior prestígio e mais nos de acesso livre —como a Plos Biology. A explicação para isso não é simples, mas pode haver preconceito de gênero na revisão por pares e nos convites para submissão de estudos —os cientistas estimaram, a partir dos dados, que um homem tem cerca de duas vezes mais chance de ser convidado para submeter sua pesquisa.

"Isso sugere a necessidade de escrutinar as práticas editoriais, eleger mulheres editoras e implementar objetivos de gênero quando se usa o expediente de convite para publicação", dizem os autores.

Caso você esteja se perguntando, o estudo tem duas autoras — pesquisadoras seniores, citadas como últimos nomes nos créditos— e um pesquisador homem, citado como primeiro autor.

Fonte: //www1.folha.com.br/fsp/fac-simile/2018/04/20/) SÃO PAULO, por Phillippe Watanabe - 19.abr.2018

TEXTO IV: Liderança feminina: mulheres no comando, por Sociedade Brasileira de Coaching - 5 de Março, 2018

Pesquisas mostram que o número de mulheres ocupando cargos de liderança tem crescido bastante nas últimas décadas. Elas têm demonstrado com muita competência que são tão eficazes quanto seus colegas do sexo masculino para assumir posições importantes e estratégicas dentro das empresas.

De acordo com a Grant Thornton, empresa de consultoria empresarial, o Brasil está à frente da média global de mulheres em cargos de CEOs e diretoras executivas. No último ano (2017) a pesquisa constatou um aumento de 5%, comparado ao ano anterior, e atingiu os 16%, superando a média global de 12%.

As mulheres compreenderam que existe uma competitividade dentro das organizações e que precisam adequar-se a esse cenário para alcançar maior destaque no ambiente de trabalho. Elas sabem muito bem colocar a razão na frente da emoção, porém, sem perder a ternura e a feminidade para conquistar seu espaço.

Alguns pontos positivos da personalidade feminina são destacados por especialistas em liderança como vantagens estratégicas para um empreendimento. Esses fatores são muito valorizados e fazem toda diferença na hora de escolher um profissional para ocupar um cargo com muitas responsabilidades:

- A mulher tem, por natureza, uma intuição aguçada. Essa percepção, muitas vezes, ajuda na hora de tomar decisões mais rápidas e assertivas no **trabalho**;
- Elas possuem, muitas vezes, uma comunicação mais fluída e desenvolvida que os homens, de um modo geral, tendo mais habilidade para dosar as palavras.
- A maioria das mulheres é mais persistente diante das dificuldades e tendem a lutar por seus objetivos até que todas as alternativas de solução se esgotem;
- Elas são, geralmente, muito resistentes física e psicologicamente. Por isso, são capazes de suportar melhor a pressão.
- São contrárias à estagnação e buscam sempre o desenvolvimento e a evolução. Não é à toa que elas contemplam mais de 60% do público das universidades.
- São mais hábeis para lidar com conflitos e atritos no ambiente de trabalho.

Fonte: <https://www.sbcoaching.com.br/blog/carreira/mulheres-comando-trabalhando-lideres/>

TEXTO V:

